

Um e uns

Lacan, em seu seminário “...Ou Pior”, apresenta-nos sua leitura sobre o diálogo de Platão chamado Parmênides. São, ambos, leitura difícil, Platão e Lacan. Para os filósofos, desde então, a discussão gira em torno do Um e dos uns, isto é, entre não somente a intrincada questão de conceber-se o Um, mas também o múltiplo que dele emana. Os filósofos - assim como nós, psicanalistas -, não complicavam o que é simples, como, às vezes, querem nos convencer. O que nós podemos continuar a aprender com os nossos analisantes é a fazer análise, é analisar, separar os elementos, decompondo o aparentemente simples. O que não quer dizer que seja simples; ao contrário, como experimentamos na própria pele, não é simples, é complexo. Às vezes se torna complicado falar sobre o complexo. Mas isso é uma outra história.

Pois bem, só para fazermos uma idéia da importância da questão do Um e dos uns, vamos concretizá-la, primeiro trazendo um exemplo da própria Filosofia e da Teologia para indicar haver algumas aproximações possíveis entre o que fazemos quando teorizamos e o que os filósofos fazem. Para Santo Agostinho todo corpo é verdadeiro corpo; apresenta uma falsa unidade, na medida em que imita a unidade, mas não é a unidade. Ora, basta considerarmos nosso próprio corpo para concordarmos com tal afirmativa, além de podermos crescer como sendo imaginária tal unidade aparente. Órgãos e tecidos, assim mesmo, no plural, adquirem a aparência de um. De um corpo, como costumamos dizer.

Acresçamos, por abstração, a alguns órgãos e vários tecidos, a fala, o fenômeno humano maior. Então, há, na aparente unidade do corpo, o aparelho fonador e há a fala, esta, inencontrável, não presente em qualquer uma das partes deste todo aparente que é o corpo. E, para tornar a coisa toda mais complexa, acresçamos às dimensões existentes na fala falada, através desse aparelho fonador deste ser de fala, o que há aí de fornicador nesse sujeito. O sujeito sendo, então, fonofornicador. Sua fala, fala sexuada, mantém, todo o tempo, seu endereçamento a essa unidade aparente no outro. Poderíamos dizer aí endereçamento ao Outro sexo, mas esse Outro sexo pode estar no mesmo ou em nenhum outro, podendo ser endereçado a um objeto qualquer. Há o sexo único, fálico, e há o outro, o anatômico. A fala refere-se

¹ Revisão gramatical: Dulcinea Santos.

ao um, o imaginário dessa cultura falante indicando haver outro. Serão, por acaso, dois? E como ficam as chamadas anomalias que ocupam milhões de corpos? Nossas construções, fundadas numa realidade que, no campo das imagens do corpo, só encontram o dois, debatem-se sobre seus objetos múltiplos reais.

Mas toda essa conversa surgiu, dentre outras, entre nós, a partir de algumas conversas ocasionais entreouvidas, de como o Papa a ser eleito trataria tais questões a partir do Um. Como ficariam os uns? Basta levarmos em consideração a ordem da sucessão, a eleição do ducentésimo sexagésimo terceiro, quarto ou quinto Papa. Houve um, o primeiro, sendo que há o Um não-primeiro. Os gregos manteriam sua discussão a propósito de como desse Um originário, não-primeiro, poderia fazer advir o primeiro de uma série, o um e os uns. E, além do primeiro e dos outros do conjunto da linhagem oficial, no qual há subconjuntos a partir de um nome, questionar-se-iam os gregos se ainda haveria outros, subconjuntos anti-Papais?

Enfim, foi nesse estado de espírito, rememorando conversas havidas neste salão, que vieram indagações sobre como seriam as primeiras declarações do novo Papa; e foi daí então que parei na banca de revistas que existe próximo daqui, para acompanhar as manchetes do dia sobre o assunto. Eu estava com um exemplar de *...Ou Pire* em mãos e o coloquei sobre o balcão para melhor folhear os jornais. O jornaleiro, velho conhecido, curioso, leu o título da papelada que deixei sobre o balcão e logo emendou: “- Ou ‘pire?’” “Pirar, doutor?” Lembrei-me, por alguns instantes, das valorosas criaturas a labutarem aqui textos de Lacan e de Joyce, difíceis, mas também divertidos, às sextas-feiras, vésperas de Lobisomens.

Por sinal, cumpre-me dizer-lhes o quanto Joyce esclarece essas questões, as questões referentes a Há Um, Há o Um e Há do Um. Esclarece pela via das implosões significantes. Entrementes, para além das questões filosóficas, ouço uma jovem que, preocupada sobre a paternidade, a dela e a de seu filho, está também, por deslocamento, a considerar a teoria da sucessão do bispo romano, e lá pelas tantas ouço-a afirmar sobre sua dificuldade para entender haver sucessão, pois foi educada de modo a entender haver só um Papa, único, que, quando morresse, não possibilitaria lugar para um outro. Então, poderia haver sucessor para o pai morto?

O Um é Um e não nenhum outro? Não é um número, é não-aritmético, não sendo, portanto, contável, por não ser quantitativo. É Um. Unidade única. Nem não há não-outro Um. O Um pode ser feminino, não d’ A Mulher, mas d’ A Língua. Língua enquanto totalidade, o todo da Língua. O Toda d’ A Língua permite, pela via simbólica fragmentária, a fala e a linguagem. O Toda da Língua é o Outro do Um. O Outro do Um não é A Outra, mas o Outro

sexo do Sexo Um do falo. Se só há o falo, sexo único, então o Outro sexo como advém do Um sexo? Não é de dois que advém o Um, mas de Um advém Outro. Não há *rapport*.

Emanação ou criação? O Um divino é um sem o um. Deus é sexuado? Há Um sexo, o fálico, no Divino? Por que o Um criou dois? E para criar dois, criou um do outro, mas dois não fazem Um. Aquilo que para a Religião é uma confissão de fé, para os filósofos é uma especulação, para nós é um dizer. Só que, ao tentar falar sobre isso, o que advém ao falante, numa situação de análise, é uma cena, um quadro dado como vivido.

A dialética platônica é analógica, faz-se por analogia, isto é, por meio da própria idéia busca-se uma relação – aí está o *rapport* lacaniano – ou seja, a existência ou não de uma relação entre cada termo de um determinado sistema e cada um dos termos de outro sistema.

Oscilamos entre a Mitologia e a Lógica para dar conta dessa relação entre o Um e o do Um. Freud inventou o mito do pai primevo; Lacan formalizou logicamente o mito freudiano.

O Outro é a alteridade do sistema linguageiro de cada um, de cada sujeito; o Outro é também o outro que não o falo, é o Outro sexo. Na cadeia genética essa divisão pode ser considerada recente, levando-se em conta a contagem do tempo cósmico. Para o inconsciente, sempre infantil, não há esse outro sexo, há meninos e meninas, dependendo dos sinais ofertados pela Cultura, como, por exemplo, os signos nas portas dos banheiros, separando, mas não dividindo. A divisão está na fala de cada um dos sexos. Não há um Uno por haver divisão do sujeito, originária do falar.

Indagar sobre o que havia antes do Um é encontrar o trovão bíblico e, por *mimesis*, o trovão joyciano escrito em dez modos. O trovão bíblico originário não mantém correspondência com o princípio unitário grego do *logos* do cristianismo.

Lidamos com o *logos* enquanto fala falada, não com a origem única e unitária da fala. Lidamos com o ato criador da fala. E é aí que há a falha e a falta. Na fala, o falo falha, não havendo só um. Há outro e em cada um outro há séries.

Há o Papa, a Idéia Um Papa, diria Platão, o significante Papa, diria Lacan; e há os Papas, o que o Um emana, por sua própria falta e falha, a série: o filho. E de Pedro, isto é, da pedra (Mat. 16: 18), constrói-se a série. Então, há o Um do Um da unidade, aquele que, no escrito de João, é Um, sendo dois: “Eu e o Pai somos um” (João 10:30). Na unidade da escrita. Na unidade da escrita pode haver o ducentésimo sexagésimo terceiro, quarto, quinto... N+1. Há o Um

simples, eterno, imutável, e há o trocadilho originário da assim chamada Teoria da Sucessão, um $n+1$, do Um, unidade incompleta, mutável, finita: “Para que todos sejam um, como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti; que também eles sejam um em nós” (João 17:21). Para nomear-se o Um eterno, transcendente ao finito, na mutabilidade e multiplicidade das palavras, tem-se o três. Lacan também assim propôs em sua lógica dos nós: são três os nomes do Pai: Simbólico, Imaginário, Real, sendo o Real desse nó dado pela Metáfora. O começo está num trocadilho, isto é, num jogo de palavras: Pedro, pedra, pedra Pedro. E na negativa. O que é afirmado: “Tu és” será negado três vezes. Três. E três são os nomes do Pai: do Pai, do Filho e do Espírito. O quarto é o nome, metáfora dos três: Simbólico, Imaginário, Real. Três são quatro; o quarto é o que do próprio três, no que lhe é próprio, faz Outro. Desse Outro, metáfora quarta do real de três, pululam outros, mas sempre nas dimensões na fala.

Notemos, como, por exemplo, se fez o nó nesta mensagem publicada: “A edição histórica de [...] João Paulo II encheu meus olhos de lágrimas!”. Ao observar o nome próprio de seu remetente, encontramos: A. R. *Pappi*. Então, o que há, afinal, num nome? Um Outro. “Se nome não se dá, se recebe”, no dizer de Riobaldo. E assim a indagação “Quo nomine vis vocari?”, isto é, “Por qual nome deseja ser chamado?”, faz da série arbitrária dos nomes o arbítrio de um destino:

Anuntio vobis gaudium magnum habemus Papam Eminentissimum ac Reverendissimum Dominum, Dominum Josephum Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalem Ratzinger qui sibi nomen imposuit Benedictum XVI” (sexto decimo).

Ou seja:

Anuncio-vos com a maior alegria: temos o Papa: Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Joseph Ratzinger, cardeal da Santa Igreja Romana, que atribuiu a si mesmo o nome de Bento XVI!

Encontramos em *habemus papam* outro desdobramento para análise: trata-se do artigo. *Habemus Papam* não requer, em latim, o artigo que, em nossa língua precede o objeto direto Papa. Em latim “Temos Papa” e em português “Temos o Papa”. Além disso, há o Papa e há o Papado. Quer dizer, não se trata de nenhuma conjugação do verbo “papar”, espero compreendam o pontifício dessa coisa toda, até porque poderia ser “Habemus Pontificem”, isto é, “Temos Pontífice”, ou “Temos (o novo) Pontífice”. Enfim, as nomeações mudam; as nomeações também. O novo Papa foi assim nomeado e se “nominou” a partir dessa nomeação.

Bem, afinal de contas, alguém poderia esclarecer-me um pouco sobre essas coisas?

Grato.

Jornada de estudos do
Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
Maio de 2005